Spártacus

Ano I — Numero 14 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 1 de Novembro de 1919

REGISTRANDO

Nada como um dia depois do outro, reza o ditado. E hoje em dia, cada dia vem desmentindo, alargando, precipitando ou aniquilando os receios e as ilusões de véspera.

Candidatos a intendente! Que formidável honra, que beleza heroica para um operario, embora ex-sindicado, embora ex-militante de primeira linha!

Mas a vaidade, a pretenção e a toleima atingem mesmo aos estravisados que se não pejam de beijar as plantas dos senhores logo após ao pontapé.

Candidatos a intendente! Bele cousa e belissima derrota.

Os lorpas operários que se emburguesaram para ter a gloria de assentar-se ao lado dos patrões receberam a devida bofetada e uma assuada renitente, clássica e bemfazeja. Que bobos!

O que doe é ver entre as pavões o nome de João Leuenroth.

O nome de Leuenroth é para nós querido. Emquanto, á frente dos obreiros, em S. Paulo, Edgard Leuenroth esgrime corajosamente pela causa proletaria, em prol do comunismo anárquico, oferecendo-se como vitima á reação burguesa, entusiasmado, idealista, leal aos camaradas, o irmão, aqui, renega dos seus irmãos, pactua com os algozes do seu irmão, acompadra-se com a burguesia, aspira á burguesia, degrada-se á burguesia.

Perde, assim, um restinho de possivel confiança dos trabalhadores. Quem o via praguejar, na última greve dos gráficos, contra o patronato, contra o capitalismo, contra os traidores de classe, cria ver um homem radicado a uma idéa, um verdadeiro e digno irmão de Edgard Leuenroth.

O desastre da sua candidatura deve-lhe estar pungindo na alma e êle ha de pensar, de certo, naquela gralha que se quiz fazer pavão e, abandonando os seus, foi depenado pelos outros, escorraçado e vaiado.

Tambem os trabalhadores que tiveram a paciência e a má consciência de ir votar hão de ter bem visto, si é que vêm alguma cousa, o que é isso de eleição. Alguns politicos profissionais arregimentam amigos e apaniguados, açambarcam o *eleitorado* com o nome ap *partido*, arranjam mesas, cabalam, fazem promessas de apadrinhamento, instituem o filhotismo, desarrocham todas as intrigas e elegem-se.

Essa farça ignóbil de que se afastam, cada vez mais, os homens dignos e ajuizados, chama-se sufrágio *universal*, mas se excluem dele a grande maioria dos cidadãos, todas as mulheres, todos os soldados, todos os marinheiros, todos os pobres, todos os religiosos, todos os estrangeiros, e, praticamente, todos os ricaços, todos os sacerdotes, todos os que vêm a a comedia e a sua ineficiência.

Assim, o sufrágio universal reduz-se ao sufrágio de uma insignificante minoria, e minoria dos menos capazas de eleger, dos subornáveis, dos acompadrados, dos capangas, dos cabos de guerra, e em geral, do bico de pena.

A tal regimen chamam *democracia*, isto é, dominio, direção, govêrno do *povo*. Bela cousa, não ha duvida!

Em nome dessa democracia fez-se a tremenda guerra de que sairam malferidas todas as nações e maximizada a Russia.

Em nome dessa democracia os capitalistas de Inglaterra, depois de haverem proclamado a liberdade de organisação politica das nações, armam trabalhadores e os enviam contra os trabalhadores russos destruidores do tzarismo.

Felizmente, não é tão facil como suposeram a campanha.

Agora mesmo acabam de sofrer tremendo golpe com o malôgro da investida a Petrogrado e Trotzki, em resposta á ofensiva inglesa, ordenou a mobilização geral, depois de haver lançado, á Russia livre, uma proclamação soberba, denunciadora da manobra inglêsa, do dinheiro inglês na luta contra os russos.

Emquanto isso a propaganda bolchevista e comunista se faz intensamente em toda a parte. Não ha muito, escrevi, nestas colunas, um artigo sobre a ação nefasta do socialismo de Estado em França, tendente a demorar, sopitar, impedir mesmo o levante proletario lá. Noticias mais recentes nos alegram e demonstram quanto é viva, em França, a propaganda comunista. O partido socialista se cindiu e, da cisão, resulta um partidc bolchevista em maioria.

Na Itália nem se fala. Já não existe partido socialista.

Ha, de um lado, a burguesia amedrontada a fazer concessões e concessões, do outro lado, os comunistas, rubros ou cor de rosa, bolchevistas e anarquistas, secundados pelos camponêses que vão socializando as terras e as estradas.

Os trabalhadores de Inglaterra não parecem mui dispostos a ajudar a burguesia agiota contra os russos. Declarações formais têm sido feitas por alguns *leaders* e a fraquesa da ofensiva inglêsa delata essa indisposição geral para a guerra. E' que os trabalhadores estão fartos de militarismo, casernas, toques de clarins, exercicios e morticinios. Basta de selvageria!

Entre nós, o projeto Gordo vae andando, como eu previra, açodadamente. Passou rapido em segunda discussão; o seu papai requereu dispensa do intersticio e o pimpolho entrou em terceira discussão, não sei para que. Podia ter sido aprovado em primeira, resolvendo o Senado incorporar os tres debates em um só, explicando assim o misterio da santissima trindade.

Antes da 3ª discussão, os pais da Patria, chefiados pelo sr. Gordo, foram conferenciar com o ministro Alfredo Pinto, para ver si a competência legislativa dêles pais da Patria era completa. Não era. O sr. Alfredo Pinto não achou a cousa muito *eficiente* e alvitrou outras medidas, encaixadas logo no monstrengo.

Quanto aos anarquistas brasileiros não tomaram nem tomarão medida alguma. A sua melhor medida é o projeto Gordo, em sua essência. Alguns protestos têm surgido mais ou menos timidos, mais ou menos francos. O sr. Antonio Leão Velloso, por exemplo, insuspeito jornalista, ousou manifestar-se contra a ignominia do *delito de opinião*, mostrando, sensatamente, a ineficacia de tais medidas aviltantes para a democracia e favoraveis ao anarquismo.

Todos os intelectuaes, dantes indiferentes ao problema, indagam sorpreendidos que doutrina é essa apavorante, para cuja estirpação se votam leis excepcionaes, leis *celeradas*. E verificam ser uma doutrina de justiça, de rehabilitação, de concordia e elevação humana.

E indignados, *simpatizam* com os perseguidos, muitos se declaram francamente adeptos da reforma e se preparam para a luta ao nosso lado.

Que mais queremos? Nada. A propria burguesia se encarrega da propaganda comunista. Viva a burguesia!

Bom exemplo dessa propaganda foi a sufocação da greve de S. Paulo. Dois fatos, de enorme alcance para a propaganda, aconteceram: 1º, o trabalho dos estudantes, filhos de burguêzes, como motorneiros; 2º a remessa de 230 trabalhadores do Rio para furar a greve. O primeiro demonstra muito bem que a burguesia se contorce e lança mão dos ultimos recursos e que os burguêses bem podiam ser operarios como os outros, sem desdouro e sem opressão. O segundo veio despertar, na inteligência e no sentimento de duas centenas de inconcientes, censurados pelos seus camaradas, humilhados com a pecha de *crumiros*, essa fagulha do conciência que procuramos despertar na massa proletaria. Mourejando aqui, é mui possivel que êsses duzentos homens nunca houvessem meditado no problema social do mundo. Eis, porém, que os agarram subitamente e os remetem a S. Paulo, para «furar a greve». E no intimo dessas almas ignorantes raiou, talvez, o primeiro exame de conciencia, a primeira indagação das causas dessas greves e as animou para a solidariedade a derrota dos companheiros de S. Paulo., motivada pela submissão delas á ordem dos exploradores.

Demais, ambos esses fatos vem mostrar, incontestavelmente, que não foi possivel encontrar crumiros em S. Paulo, que os trabalhadores de S. Paulo estão coesos, perfeitamente organizados. Vencidos hoje, vencedores amanhã!

José Oiticica

7 DE NOVEMBRO

O proximo 7 de novembro marca o segundo aniversario do triunfo bolchevista na Russia. E' uma data carissima a todo o proletariado revolucionario do mundo. "Spártacus" associa-se a ela com um numero especial todo dedicado á revolução russa. Publicaremos artigos e documentos sobre o bolchevismo, entre eles o importante relatorio de Lenine ao Congresso Comunista de Moscou (março de 1919), sobre *A democracia burgueza e a democracia proletaria*, e o manifesto dos comunistas russos aos comunistas do mundo inteiro, convocando-os ao referido Congresso. Como de costume, "Spártacus" sahirá no sabado, 8, um dia apenas após o 7.

AGORA...

A Rua, em editorial do dia 26 ultimo, comenta deste modo a passagem do 2º aniversario da entrada do Brazil na guerra:

«A data, que tão ruidosas manifestações comemorativas deveria provocar por parte do povo e do Governo, está passando no absoluto indiferentismo de ambos. E' que a nossa entrada na grande chacina da Europa foi—digamol-o hoje com a mais sincera franqueza, um movimento que não teve fundamentos na alma nacional. O Brazil entrou na guerra mercê da intensa e ardilosa propaganda dos interessados nessa intervenção, para não querermos usar de toda a franqueza confessando que a tanto nos levaram; naquele momento angustioso da vida de todas as nações do globo, os incitamentos prementes de quem se achava no direito de exigir do nosso paiz esse sacrificio. Porque argumentar-se hoje só com as honrarias que colhemos com a nossa suave participação no universal conflicto é esquecer a pavorosa calamidade financeira que nos teria acarretado uma cooperação valiosa e demorada naquela luta de gigantes.»

E' pena não termos aqui á mão o n. de *A Rua* publicado no dia 26 de oututro de 1917...

Mas o essencial é que notemos a confissão preciosa de orgam insuspeito da opinião publica burgueza: a intervenção do Brazil na chacina européa foi um acto arbitrario do governo do Brazil, sob a pressão poderosa dos interessados nela—quer dizer os «nossos amigos» e credores aliados—e sem consultar a vontade da população brazileira. E' a pura verdade.

Pura verdade que a imprensa burgueza confessa agora, mas que nós outros anarquistas fomos os unicos a proclamar na ocasião mesma. Citarei dois exemplos, que são uma honra para nós.

Naquele tempo duas unicas folhas libertarias se publicavam no Brazil: a *Semana Social*, em Maceió, e *O Debate*, aqui no Rio. Ao declarar-se a guerra do Brazil contra a Alemanha, a *Semana Social*, redigida por Antonio Canelas, rompeu num artigo violento contra o governo e foi esse o seu ultimo numero. A patriotada de Maceió apredrejou-lhe a redação e lincharia Canelas, patrioticamente, si este se não evadisse a tempo. *O Debate*, que não era uma folha propriamente anarquista, mas antes de acentuadas tendencias— um dos seus directores era e é um anarquista militante declarado—tambem *O Debate* publicou então o seu ultimo numero, e este ultimo numero continha um vehemente artigo de condenação e protesto contra o acto governamental.

Confessando hoje, passados dois anos, o erro então cometido pelo governo, aliás com os mais freneticos aplausos da imprensa burgueza, é esta mesma imprensa que implicitamente reconhece que os anarquistas eram os unicos que tinham razão. Tinham razão e tiveram a coragem de a clamar bem alto, em meio da atoarda patrioteira e belicosa...

Isto nos honra e nos alenta. Hoje o governo, tambem sob evidente pressão exterior, declarou de guerra de exterminio contra nós. A imprensa toda, unanimemente, aplaude o governo. Nós estamos sós e isolados. Mas o dia ha de chegar em que se dirá que a razão estava do nosso lado e o erro do lado do governo. Esperemos...

Pedro Sambê.

São sempre as idéas que governam o mundo, e as grandes idéas sempre conquistaram os espiritos, quando apresentadas em fórma viril. — KROPOTKINE.

Valorisação do dinheiro

Todos os dias estamos vendo as consequencias da alta valorisação do dinheiro: a falta de caracter, cada individuo procurando ganhal-o por todas as fórmas; os desfalques; os assassinatos e sobretudo a maior das infamias, a que mais clama, a que merece mais apostrofes, porque é geral, porque é universal: a sociedade a avaliar a grandeza, o caracter, a nobreza de um homem pelo numero dos seus patacões. Isto é a maior das miserias. E eu, das alturas do futuro radioso que vivo a sonhar, cravo esta palavra na cara de todas as sociedades humanas que divinizaram o torpe metal:

—Infames!

Octavio Brandão.

A necessidade dos exercitos disciplinados é a mentira mercê da qual os governos reinam sobre os povos. — LEÃO TOLSTOI.

Aos nossos amigos

Mais do que nunca se faz necessario todo o esforço para a manutenção da nossa imprensa. Nós aqui estamos dispostos aos mais extremos sacrificios para que *Spártacus* consiga atravessar, impavido e rijo, o desencadear da furia reacionaria da burguezia. Que nos não falte o apoio moral e material dos nossos amigos, e esta folha ha de lutar sem desfalecimentos, no mais avançado das linhas de fogo, até o ultimo homem que nos restar nesta trincheira vermelha... *Spártacus* vive e viverá!

Todos os valores destinados a Spártacus, *sejam em vales postaes, sejam em carta registrada, devem ser de ora em diante endereçados exclusivamente a nome de Astrojildo Pereira, Caixa Postal 1936, Rio.*

Perseguições... Perseguições... Perseguições...

«Todos os crimes que se hão cometido no mundo, os massacres, as guerras, as faltas á fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo tem sido justificado pelo interesse do Estado, pela razão do Estado.» — **Clemenceau.**

As perseguições das autoridades da Republica contra os trabalhadores vão se estendendo, mais e mais estupidas, mais brutaes a cada caso... Anotemos.

As expulsões dos operarios estrangeiros dependem tão somente da passagem de navio. São muitos os camaradas sob ameaça. De S. Paulo e Santos, mais de vinte trabalhadores se acham encerrados incomunicaveis nas enxovias da Detenção. Ação governameutal perfeitamente extra-legal, nos detalhes como em grosso. Exemplo para o povo...

Obedecendo ás instruções do centro, os dictadores-mirins do interior vão dando caça aos perigosos anarquistas (na verdade perigosos—para as vossas traficancias, sucias de piratas!)...

Em Barra Mansa, do E. Rio, foram presos e remetidos para Niteroi os camaradas Adolpho Alonso, José Cid e um outro cujo nome não sabemos. Crime especifico? Serem — anarquistas!

Com a Republica é assim — crê ou morre! Mas a Republica está enganada: nem cremos, nem morremos...

Um advogado, a quem amigos desses presos consultaram sobre a utilidade de habeas-corpus em favor deles, respondeu que seria inutil — porque o presidente, os ministros, os governadores, os juizes, etc., etc., estão todos préviamente conluiados para burlar qualquer ação legal em favor dos perseguidos... E' edificante!

O caso Adriano Pinto da Costa comprova-o. Adriano, ameaçado de expulsão, requereu habeas-corpus preventivo. O juiz pediu informações ao governo. O governo respondeu ao juiz candidamente: não, não consta nada contra Adriano... O juiz, á vista disso, denega o habeas-corpus. Dias depois Adriano foi preso.

Em S. Paulo, na capital e nas menores cidades do estado, numerosas prisões têm sido efectuadas, sempre pelo mesmissimo crime — propaganda anarquista.

Em Minas, igualmente. Angelo Vizzotto (residencia no Brazil: 25 anos), tendo falado num comicio, convocado pela Liga Operaria de Poços de Caldas para protestar contra as perseguições actuaes, foi ameaçado de encarceramento e teve que refugiar-se.

Em Paraisopolis, tambem Minas, foi preso José Mendes, maquinista da Rêde Sul Mineira.

E assim por diante...

Aqui no Rio foram presos, ultimamente, Bento Moraes e Manoel Peres, secretarios, respectivamente, dos Marmoristas e dos Marcineiros. Ambos eles são brazileiros. Pretenderá o governo expulsal-os tambem?

EM HESPANHA.

A agitação social na Catalunha

Uma curiosa palestra com o secretario geral da C. G. T. da Catalunha, o camarada Salvador Segui, em que este nos conta coisas interessantes ácerca do movimento operario hespanhol.

Esta entrevista, entre o activissimo militante catalão Segui e o jornalista Ramón Rubio, foi publicada no diario republicano de Madrid *Espana Nueva*, de onde a transladamos na integra. Ela encerra grande soma de interessantes dados sobre o desenvolvimento da organização operaria em Hespanha, sua influencia e actuação actuaes. E além disso é ainda uma lição de honestidade profissional aos bedamecos da reportagem carioca, os quaes, sobre o nosso movimento proletario e libertario, não se pejam de forjar as coisas mais abstrusas, sempre ao sabor da policia...

Eis o que escreve R. Rubio:

«Nas mesas do café hespanhol, do Paralelo, servidas pelo mais diligente de todos os criados, cujo avental se torna vermelho pelos seus entusiasmos sindicalistas, os camaradas Boal, Quemades, Maner, Valeso, Salvador Segui e outros formam uma verdadeira pinha.

A modestia de todos, nestes momentos em que todas as atenções da Hespanha estão fixadas neles, não os faz perder a serenidade, o bom humor e a delicadeza de tratar. Agora, na ocasião em que a opinião publica, a burguezia e o governo estão na dependencia do que estes homens resolverem, eles, exaltados pela fé das reivindicações sindicaes, mantêm-se unanimes e esperam o desenrolar dos acontecimentos.

E' tal a confiança na organização, na força dos ideaes e precisamente na excelencia dos seus principios, que lhes basta unicamente esperar para triunfar.

Após oito mezes de luta social intensa, violentissima, continuam esperando. A verdade começou a abrir caminho. Souberam esperar e resistir. Triunfaram.

A' reunião vão chegando companheiros que saudam Segui como se sauda um forasteiro. E' que Segui esteve escondido durante oito mezes, iludindo a policia, mas sem deixar de exercer a sua ação e de assistir a todas as reuniões onde a sua presença e o seu conselho eram reclamados.

Abandonamos as mesas do café e o criado acompanha-nos até ao limite da sua área. Reunidos caminhamos pela rua do Conde del Asalto e chegamos ás Ramblas, onde nos despedimos. Antes tinhamos combinado com Salvador Segui para falarmos um pouco sobre coisas de actualidade sem dar-lhe a solenidade de uma entrevista.

—Onde nos encontraremos? A's dez no *Refectorium*. Bem, até logo e saude.

—Não nos faremos esperar, dissemos. Tomaremos café, daremos uma volta e depois iremos ao American Bar.

Desenvolveu-se assim o programa. Proximo das doze horas rodeamos uma mesa no American Bar.

Salvador Segui, o *Noy de Sucre*, é um rapazote bem desenvolvido, alto, de compleição forte, parece do norte, tem a corpulencia de lutador e ginasta. Veste modestamente, mas anda bem cuidado. Usa boné e calça alpercatas brancas. Pelo colarinho desabotoado assoma um lenço que deve ser uma reliquia ali colocada por minusculas mãos que os homens mais homens beijam e recordam sempre, a julgar pelas vezes que acerta as portas e pelos cuidados que lhe dispensa quando toma café ou cerveja.

Salvador Segui, *Noy de Sucre*, é pintor e na organização operaria desempenha o cargo de secretario geral da Confederação Regional.

Começo por dizer-lhe:

—Só pelo facto de parlamentarem com o representante do governo, os senhores sahiram fóra dos seus principios...

—Nada disso, interrompeu ele, nós não tratramos nem trataremos com o governador sinão as questões de ordem publica, restabelecimento de garantias constitucionaes, libbertação dos nossos presos, abertura das associações... As reivindicações economicas havemos de resolvelas directamente com os patrões, sem a minima intervenção das autoridades. Estas poderão apenas pôr-nos em contacto, nada mais. Nas nossas organizações, por muito prestigiosos que sejam os individuos, não podem falar em nome dos Sindicatos, nem procurar soluções, nem pactuar com a burguesia. Para êste efeito temos os respectivos comitès.

—O governador, sr. Amado efectuou consigo alguma "demarche" para se chegar a um acordo?

—No manifesto que dirigimos aos trabalhadores está tudo claramente exposto. Nele se diz que fomos chamados e como nós não temos sido nunca intransigentes, esperavamos que a classe contra a qual lutavamos se colocasse no mesmo plano para iniciar uma era de paz.

—Quaes os planos que tendes em projecto quando Barcelona se normalisar?

—Propaganda intensa em todas as regiões da Hespanha. Ocuparão a tribuna os que nela mais se têm distinguido. Auxiliaremos esta propaganda de "meetings" e conferencias, com folhas, folhetos e recomeçaremos a publicação da nossa "Solidaridad Obrera" aqui em Valencia, fundando tambem o diario em Zaragoza, Sevilha e Bilbao.

—E em Madrid, o que pensam fazer?

—Somos chamados diariamente pelos trabalhadores de Madrid para que levemos lá, nas lutas contra o capital, a orientação e a tactica da Confederação Nacional do Trabalho, e, com este fim temos pensado em realisar "meetings" e promover uma série de conferencias.

—Em Madrid terão dificuldade de arranjar proselitos, porque aos trabalhadores, dirigidos pelos socialistas, parece interessar mais a politica do que a emancipação da exploração patronal.

— Precisamente — diz-me Segui, e neste ponto concordam os sindicalistas presentes — é essa a arma mediante a qual a Confederação ganhará a batalha contra a União, porque os operarios, cansados e desenganados dos politicos, de dar dinheiro das associações para gastos eleitoraes, veem na Confederação o instrumento de luta de que necessitam para triunfar.

—Quando pensam realisar em Madrid um acto de retumbancia, que prove a grande força da Confederação em Hespanha?

—Brevemente; o proximo congresso celebrar-se-á precisamente em Madrid e a ele assistirão mais de mil delegados.

—Dispõem dalgum local?

—Alugaremos o theatro mais espaçoso.

—Qual é a primeira questão que vão tratar e propagar nas suas campanhas?

O *Noy de Sucre* suspende-se, aperta o nó no lenço e, para dar mais valor á reflexão e ás suas palavras, apoia-se sobre a mesa e diz coisas tão interessantes, pensamentos tão bonitos, idéas tão belas, capazes de redimir todos os oprimidos, que lamentamos não ter um taquigrafo para as transcrever sem omitir uma virgula.

Disse ele:

—Si todos viemos ao mundo com direito á vida, com que direito nos despojam dos meios de conserva-la? Quando nos negam o trabalho, privam-nos da vida, e quando o trabalho não é justamente remunerado põe-se igualmente em perigo a vida de cada um. Si o individuo não prover ás suas necessidades dentro do seu escasso salario está condenado á morte por uma sociedade criminosamente injusta que lhe reconheceu o direito á vida. Baseando a nossa ação nos principies sindicalistas, começaremos a cruzada fixando o salario minimo para todos os operarios de Hespanha, operarios do campo, da oficina, da fabrica, todos, de uma ponta á outra serão compreendidos no salario minimo e a causa de uns será a causa de todos.

—E qual será o salario minimo?

—Dez pesetas. Isto favorecerá os operarios agricolas e os das fabricas afastados dos grandes e populosos centros. Ao estabelecer o salario minimo quizemos evitar o pretexto que alguns patrões costumam empregar para não aceder aos pedidos que lhes são feitos, alegando que a mão de obra é mais cara nuns pontos do que noutros. E como a este tipo de salario—cantinua Segui—está ligado o problema das subsistencias, pensamos intervir para melhorar o sistema de produção, fazendo com que os instrumentos de trabalho sejam aperfeiçoados. Os sindicalistas, estes operarios tão injustamente tratados, têm uma idéa admiravel para evitar a adulteração dos generos alimenticios. Nas fabricas onde os productos alimenticios sofram adulteração negar-nos-emos a trabalhar. Si estas greves são postas em pratica, serão de um tipo novo, pois os operarios nesse caso não fazem pedidos para eles mas sim para a sociedade. Para efectivar este projecto, a Confederação regional está disposta a conceder um credito ao sindicato do ramo de alimentação, para estabelecer a todo o custo um laboratorio modelo, destinado a fazer analise dos produtos de alimentação. E ha de dar-se o caso dos fabricantes serem obrigados a recorrer ao sindicato operario para conseguirem certificados que acreditem a excelencia dos seus productos a fim de os poderem levar aos mercados.

— O que ha acerca do *Palacio do Trabalho?*

— Á esse respeito ha o que esta tarde deve ter ouvido a estes camaradas. Pensamos em construir um edificio orçado em seis a oito milhões de pesetas, destinado a ministrar o ensino profissional e tecnico.

— Seis ou oito milhões! — exclamo.

— Sim, sim. De seis a oito milhões.

— Com que contam para reunir essa fortuna?

— Com as quotas extraordinarias que será muito facil obter. Mas vamos mais longe. Uma vez construido o edificio será hipotecado e com o dinheiro da hipoteca levantaremos as escolas de bairros e de distritos. Como vê, nós queremos e querendo far-se-á.

— E com respeito a cooperativas, socorro mutuo, caixas economicas, etc., que pensam fazer?

— As cooperativas de consumo, quando não funcionam baseadas na produção, são prejudiciaes para os trabalhadores porque é o regime capitalista que produz as oscilações, sendo, portanto, para as organizações instituições parasitarias. Alem disso as cooperativas criam interesses e despertam no proletariado o espirito burguez.

Salvador Segui fala-me de outro assunto que, por ser de interesse capital, não quero deixar no tinteiro: é a greve de inquilinos como protesto contra o aumento dos alugueis.

—Não se póde tolerar, diz, que não havendo razão nenhuma que o justifique subam desproporcionalmente os preços dos alugueis. Contra isto organizaremos a resistencia ao pagamento e estamos convencidos de que a esta greve aderirão muitos daqueles que repudiam a nossa obra unicamente porque a não conhecem.

— Lá para essa greve podem contar com todos os inquilinos de Madrid.

—Ora ahi tem como a pouco e pouco se nos vão juntando elementos de todas as classes sociais.

Senhorios, ponde-vos em guarda, que os sindicalistas não actuam por processos muito brandos! Inquilinos, a postos esperando os Messias, e prontos para a greve quando esta fôr resolvida! Na generalidade diz Segui que está convencido de nada se poder fazer sem o apoio do proletariado dos demais paizes. Bem claro e recente está o exemplo da Hungria, onde se conseguiu vencer o inimigo interior, mas tiveram que sucumbir ante a pressão da burguezia dos demais paizes.

— Com respeito á organização actual da Hungria, Ukrania, Finlandia, Polonia e Bohemia, creia — ajunta Segui — que foi um fracasso completo para o socialismo por exercerem o poder as clientelas politicas que não têm responsabilidade e por outro lado o socialismo das nações aliadas não faz nenhum esforço para sustentar na Russia a dictadura do proletariado.

— Nós, os sindicalistas — afirma — temos um programa diferente para o caso, proximo ou remoto, em que tenhamos que governar o paiz.

— —

Assim terminámos a palestra numa das horas mais agradaveis da minha vida. Ouvindo este homem, orador eloquente e persuarsivo, polemista formidavel e escriptor forte e insinuante, pensava nas bestas que ali nos ministerios desgovernam o paiz.

Um homem como Salvador Segui, que exerce um cargo na Confederação Regional, trabalho de atividade e luta, que se multiplica em defeza da organização, que não descança, que fala e que escreve, sabeis leitores, o ordenado que recebe?

Nenhum.

Por muito pomposos que sejam os cargos entre os sindicalistas e por muito que seja o trabalho, não recebem ordenado. Só quando perdem um dia por haver trabalhado na organização, recebem salario igual ao que vencem no emprego respectivo.

Levantámo-nos, e o companheiro Sribarne reforça o meu relato com algumas notas.

— Por agora — digo a Segui — ardo em desejos de ouvil-o em Madrid, ou antes, de que o oiçam em Madrid.

— Terão de me ouvir — exclama apertando-me a mão.

Saimos. A praça de Catalunha gosa a calma que se nota nos espiritos. Toda esta noite é percursora da paz. Esperemos.»

IGUAL AOS OUTROS

A proposito da prisão de Bento Moraes, teceu a *Razão* mais alguns fios na meada da intriga, que pretende infiltrar entre os anarquistas e os trabalhadores, dizendo que Bento Moraes é *sindicalista* e não *anarquista*... Mas que entendem os zebroides da *Razão* a respeito de sindicalismo? Sabe a *Razão* que o sindicalismo moderno, oriundo da França, é obra de anarquistas, e que o seu grande organizador em França se chamava Pelloutier—e que Pelloutier era anarquista? E não publica a *Razão*, diariamente, telegramas de Portugal noticiando perseguições aos sindicalistas como aos anarquistas, irmãos gemeos na mesma obra revolucionaria?

A *Razão* pode embrulhar apenas aos papalvos. Quem não é papalvo sabe que a *Razão* não percebe patavina de tudo isso, e que é um jornal burguez igual a todos os jornaes burguezes: venalissimo e velhaquissimo...

Os factos do mundo moderno não são de modo algum em favor da teoria que a preparação para a guerra nas condições modernas tende a preservar a virilidade, pois que essa preparação para a guerra implica uma vida artificialissima de caserna, uma educação absolutamente mecanica, que tende a destruir a iniciativa, uma uniformidade e uma centralisação mecanicas, que tendem a esmagar a individualidade e a acentuar o gosto de uma burocracia centralisada, que se encontra já ecessivamente desenvolvida. — NORMAN ANGELL.

Olhem e concluam

Não ha peor cégo do que aquele que não quer vêr!

Hoje escrevo como um simples mortal, como uma pessoa imparcial, que não pretende fazer vingar suas convicções; mas quer somente expôr um quadro para que os espiritos ingenuos, de boa fé, se convençam pela lição dos factos.

Ficarei sendo, por alguns minutos, um professor de historia, que coloca sob o olhar infantil dos seus d i s c i p u l o s, uma serie de acontecimentos; deixando-lhes a faculdade de tirar conclusões forçadas? não, mas conclusões evidentes, salientes; e que por mais acrobacia que se possa fazer, as conclusões hão de ser estas que o bom senso impõe.

Quem é que nos chama de anarquistas dando um sentido pejorativo a esta expressão que resume um estado social? São todos eles fomentadores da anarquia no sentido exacto da palavra.

Porque? porque todos desmoralisaram os sistemas sociaes pelos abusos cometidos e continuam a incompatibilisal-os todos com suas tramoias hipocritas e venaes! Acusam-nos de guerrear o dinheio—o capital.

Não, não guerreamos — defendemo-nos. Quem é que declara a guerra? Não é quem provoca abusando de sua força ou de suas prerogativas? Todos os poderes já passaram pela mão dos homens. Emquanto não se abusa de um poder, duma força, estes permanecem em uso e se respeitam como factores sociaes.

Porém logo que um elemento social oprime todos os outros ou os aniquila, com esta supremacia provoca sua pena de morte. Vejamos: — teocracia, autocracia, feodalismo, militarismo, absolutismo, legistas, igreja—e emfim a plutocracia. O ultimo é o poder plutocratico—tem avassalado tudo. Nada lhe resiste.

Não ha consciencia por mais bem formada que seja, que se não lhe sujeite dum modo directo ou indirecto.

Creio que não ha pessoa alguma capaz de negar o poder, quasi que absoluto do dinheiro. Todos os corpos sociaes estão de acordo neste ponto. A plutocracia, escravisa tudo — e como dizem os francezes: — «qui veut tout ne veut rien». Este poder lavrou sua sentença de morte.

Que o digam os proprios catolicos sinceros e convictos. Peguem as suas obras, todas estigmatisam o dinheiro e os seus adoradores. Todos reconhecem que até corrompeu, e corrompe aqueles que deveriam ser os apostolos da caridade.

Não falo da chusma de hipocritas que procuram se fingir sob o Paladio do Cristo, afim de salvar sua reputação poluida e garantir seus cabedaes.

Estes pertencem ao rol dos plutocraticos enregelados e cinicos—que em nada se diferenciam dos indesejaveis das nações — digo da humanidade inteira! Qual é o individuo, que em horas ermas examine sua consciencia, e não conclua que o dinheiro é uma praga social, porque nada respeita? Com o dinheiro, compram-se as consciencias, compram-se as virgens, rehabilitam-se as prostitutas, obtêm-se regalias civis, religiosas, militares e judiciaes.

Porque? porque foi divinisado e os homens avacalharam-se; a nomenclatura de tudo cançaria o leitor, e cumpre-nos concluir, deixando para melhor oportunidade outras provas, outros pormenores...

Ora si o dinheiro é nocivo, si o dinheiro subjuga, jugula tudo encontrem um meio de limitar sua ação, suas façanhas, impeçam-no de ser facinoroso... Forme-se um partido que destemido ache um sistema social que subjugue o minotauro, que uma vez cortadas, as cabeças da hidra de Lerna não renascerão; porque têm-se os meios de esterilizar o bicho. Sendo assim, porque expulsar os destemidos que enfrentam o perigo e fazem o que vós, colectividade, não podeis fazer por não terdes poder suficiente, nem energia e virtude, que sobrepujem vossos proprios interesses inconfesaveis?

Deixai pois, castas e classes, os heroes do dia agir; já todos vos sentis incapazes de reagir. Santos e beatos, jurisconsultos, almas nobres, mas não bastante varonis, sejais agradecidos aos operarios, aos proletarios que se oferecem em holocausto, para redimir a sociedade e a organisal-a d'um modo, que viva e rejuvenesça.

Inventastes a perseguição, mas no intimo de vossos corações, tendes a convicção que os arautos da cruzada contra o capital, contra a plutocracia são heroes, porque matam ou perseguem o minotauro!

Gloria aos destemidos caçadores, — em breve serão abençoados pelos seus proprios perseguidores.

Docente

Fala um Sacerdote da Lei

Uma questão que aqui merecia ser tratada é a do direito de expulsão dos estrangeiros que se tornam perniciosos ao grupo social em que se encontram. Os povos europeus, até dos mais liberaes, reservam-se esse direito, que se pode justificar como medida acauteladora dos interesses sociaes e como acto de policiamento inherente á soberania de cada Estado. No Brazil, porém, onde, aliás, se têm feito tentativas de regular o assunto e onde o governo já se tem julgado legitimamente autorisado a usar do direito de expulsar estrangeiros que maliciosamente se constituem adversarios da ordem publica, parece-me que a Constituição Federal não permite essa medida violenta e excepcional. Si a nacionaes e a estrangeiros residentes no paiz é garantido, sem atenuações, nem diferença, a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade, somente em estado de sitio, suspensas as garantias constitucionaes, é possivel lançar mão dessa faculdade.

CLOVIS BEVILAQUA

Os deportados do "Benevente"

Um brasileiro explso: Manoel Peres, marcineiro, nascido em Santos.

Pelo *Benevente*, zarpado antehontem da Guanabara, seguiram deportados para a Europa mais os seguintes trabalhadores: Albino Cabral, Albano Santos, Antonio Silva, Manoel Gonçalves, João Carlos, Alexandre de Azevedo, Manoel Ferreira, Manoel Gama, Alberto Castro, Annibal Paulo Monteiro, Antonio Costa, João Joaquim Rodrigues, Rafael Pedro Lopes, Antonio Pietro, Antonio Peres, Joaquim Alvares, Manoel Peres, Adolfo Alonso, José Cid, Everardo Dias...

Não sabemos si esta lista está completa. As noticias dadas pelos jornaes são desencontradas. Uns dão 19, outros 20, outros ainda 23...

Mas dois nomes ha ahi que merecem referencia especial.

Everardo Dias reside no Brazil ha mais de 30 anos, sendo pois legalmente brazileiro, em virtude da grande naturalisação de 89, pela proclamação da Republica. Era jornalista, director durante muitos anos do *Livre Pensamento*, de S. Paulo. Militou na politica, sendo por isso relacionado com os politicos paulistas. Espirito adiantado e caracter leal, Everardo foi levado, ultimamente, desiludido da politicalha, para as fileiras anarquistas. Era um dos mais assiduos colaboradores de *A Plebe*. E' casado e tem seis filhas, todas nascidas em S. Paulo e todas menores. E a um homem destes o governo prende e deporta sem a menor cerimonia... Miseria das miserias! Estão reduzindo o Brazil a um paiz indigno, tornando-o o pais mais reacionario do mundo, na hora presente!

Outro caso espantoso é o de Manuel Peres, secretario dos Marcineiros. Ele é brazileiro, nascido em Santos. E é deportado como estrangeiro! Onde iremos parar com isso?

— —

Um das expulsos, Adolfo Alonso, residia em Barra Mansa ha alguns anos. O pai dele, que móra aqui no Rio, ao saber da sua prisão, tomou o trem e foi a Barra Mansa buscar atestados de residencia do filho, por mais de dois anos, naquela cidade fluminense. De facto, facil lhe foi obter, de tres negociantes idoneos, os atestados, que lhe eram necessarios para instrução do pedido de habeas-corpus. Pois bem: a policia tomou-lhe e inutilizou esses documentos!...

Que comentario merece uma infamia desta ordem?

Oh! senhores todo-poderosos, semeai ventos, semeai ventos, semeai ventos...

Petrogrado não cahiu!

— —

São os proprios telegramas burguezes que nos dizem ter fracassado inteiramente a investida do reacionario Yudenitch contra Petrogrado.

100 mil bolchevistas correram, de varios pontos da Russia, em defeza da cidade revolucionaria—e tem sido um tal de dar bordoada nos mercenarios da contra-revolução que nem acaba mais...

E' ali no duro!

A Russia bolchevista está cada vez mais invencivel — facho de fogo a iluminar o mundo como uma aurora redentora...

E o proletariado do mundo, na França, na Italia, na Inglaterra, na Hespanha, na America... se agita e convulsiona, olhos voltados para Moscou e punhos cerrados para os tiranos de casa.

A hora decisiva se aproxima...

Hurra!...

Cunhambebe

"A Hora Social"

— —

Começou a circular esta semana, no Recife, com o titulo acima, o diario dos trabalhadores, orgam da Federação de Resistencia das Classes Trabalhadoras de Pernambuco.

A Hora Social tem um largo e fecundo programa de ação pela frente — e o nosso desejo mais caro é que a nova folha saiba manter-se altiva no seu posto de combate.

Pode comparar-se um parlamento a um mercado: os partidos são os emprezarios (negociantes) que trocam um certo stock de votos por um certo numero de vantagens... — ED. BERTH.

Luta sindicalista revolucionaria — Meios e finalidade — por Carlos Dias — um volume de 104 paginas. $600

Vende-se nesta redação.

Verdade verdadeira

Possuidos de furiosa fobia an-libertaria, governantes e jornalis-s justificam a reação conserva-ora, que se inicia, afirmando que necessario defender a "ordem so-al" do influxo das idéas subversi-as, que se alastram empolgadoras os meios operarios. Eu não nego burguezia o direito de defeza da sua» ordem social. E' perfeita-ente justo, como é justissimo que proletariado a ataque para a sub-ituir por outra ordem social, uma rdem social conforme aos interes-s e ás aspirações dele proleta-ado.

Mas a burguezia é um inimigo eslealissimo, que lança mão não ó das armas brutas actualmente em eu poder, como tambem de todos s meios imaginaveis de defeza e de taque, por mais vis e refalsados ue sejam. Jamais teve a calunia ais sistematicos cultores. Os sofis-as mais grosseiros ou subtis, as pa-anhas mais desabaladas são de so quotidiano, de toda a hora e odo o instante. Um desses sofismas, ecentemente intercalado no texto o projecto da lei de repressão, con-iste em arrogar-se o governo o imperioso dever" de preservar a olectividade da contaminação... re-olucionaria. Duplo sofisma, sub-l, mas calvissimo...

Jornalistas e governantes se re-rem á actual agitação libertaria undial como si fosse esta uma epi emia. Já chegaram a estabelecer aralelo entre o bolchevismo e a espanhola... E' possivel, e é mes-o felizmente certo, que o bolche-smo se tem alastrado pelo mundo om uma grande força proselitica' Mas ha uma diferença capital entre só e a pandemia gripal: esta é do-nça e o bolchevismo, ao contrario, ancia de vida nova. Para o bur-uez, é claro, o bolchevismo é tam-em doença, de que ele aliás se não ontamina. Mas ha a considerar ue a doença, a hespanhola ou utra, não é desejada, e a sua con-minação se exerce contra a von-de das populações contaminaveis, o passo que o bolchevismo é de-ejado e o seu alastramento se ve-fica pela vontade das populações ançadas de sofrimento. Esta é pois primeira face do sofisma: chamar o bolchevismo uma epidemia.

Mais grave é a outra face. E' a propria burguezia quem proclama oficialmente essa irradiação avassa-ladora das idéas libertarias. Ora, si s populações se deixam avassalar or elas, sabendo-as radicalmente ontrarias ao actual regimen so-al, isso se explica por um motivo nico: o descontentamento das mas-as populares em relação ao regi-en burguez. Evidentemente. Si as assas estivessem satisfeitas com o egimen burguez não se revoltariam ontra ele e não aceitariam a pro-aganda dum regimen antagonico. oderão objetar-me que o regimen olchevista é peor que o regimen urguez. Será peor para a burgue-a — razão a mais para parecer elhor ao proletariado. Mas do onto de vista humano, contesto que ja peor.

Contra o bolchevismo só tenho do e ouvido, da parte dos seus imigos, injurias e calunias: prova oncreta, nenhuma. Mesmo porém ue seja peor: si as massas traba-adoras, que formam a maioria bsoluta das populações, o desejam — com que direito se intromete a urguezia a defendel-as duma cousa ue elas querem? Os governos bur-uezes actuaes se proclamam repre-entantes do povo, escolhidos por ufragio universal, mandatarios da aioria das populações. Pois então gico é que se conformem com a ontade dessa maioria. O contra-o é tiranizar.

E isto é o que de facto fazem. odos nós sabemos que sufragio niversal, votos, eleições e demais atacoada se reduzem a pura e des-vergonhada burla. Os senhores do overno não representam absolu-mente o povo, nem são mandatarios o povo. São representantes da bur-uezia e burguezes eles proprios. E ssim, tudo quanto realizam redunda m beneficio exclusivo da classe a ue per encem e de que são dele-ados. Necessariamente, portanto, odos os seus actos hão de ser con-arios aos interesses da classe an-agonica — o proletariado.

A famosa "defeza da ordem" não ale outra coisa. E' a defeza da urguezia *contra* as aspirações do ovo. Tudo o mais é conversa ada, engano, embuste, mentira, ipocrisia...

Aurelio Corvino

DO BOLCHEVISMO

Com as ultimas noticias dos insucessos das tropas maximalistas o burguez torpe e medroso rejubila preparando-se para voltar a tripudiar confiada e cinicamente sobre a plebe, sem se lembrar que é grande insensatez e miopia supôr em vesperas de derrocada o colossal monumento do ideal russo.

Os ultimos revezes dos exercitos bolchevistas, dos paladinos da Justiça, são coisas insignificantes que em nada modificarão a atitude dos pioneiros, e que de modo algum farão esmorecer a fé dos operarios, milenarmente escravisados, nem a tenaz e impiedasa campanha de difamação, nem a força conluiada dos exercitos capitalistas conseguirão extinguir a labareda purificadora do idealismo moscovita.

Operarios! Povo trabalhador! Servos da gleba! — Aprendei a venerar os vossos irmãos russos, que são os grandes redentores da humanidade que sofre e que tem fome! Eles são as unicas almas verdadeiramente grandes e audazes que ainda foi dado ao mundo rotineiro e egoista procrear! Aprendei com eles o espirito de sacrificio e o entusiasmo santo dos heroes!

As noticias forjadas pelos periodicos têm apenas em mira provocar nos espiritos timoratos e indecisos a bancarrota do unico ideal de justiça — porque é o unico regimen que confere aos *grilhetas* as regalias e recompensas a que têm direito.

Deixai arengar e barafustar o capitalista com os seus estultos e impotentes improperios, e deprimir a altissima obra e os intuitos de extrema filantropia daqueles martires que se dedicaram de alma e coração a reivindicar os direitos do povo trabalhador e explorado, batalhando epicamente e sem cobardias ou desanimos.

Esta é a hora divina da justiça, porque nos traz o extertor dos imolados e a rajada vingadora da turba multa dos oprimidos e dos bons, caminhando sem temor por esta nova Estrada de Damasco, de onde a onde minada pela traição dos pusilanimes.

Si fracassou a generosa tentativa (que não fracassa, estou bem certo!) mais tarde ou mais cedo, amanhã, talvez, ela tornará a explodir com mais impetuosidade, porque quanto maior fôr a opressão tanto maior será a reação da liberdade. E' facto em todos os tempos observado, e lei fisica.

A semente foi lançada em terra fecunda, e o vento generoso a espalhou por toda a parte. Mais tarde ou mais cêdo frutificará, e, então, ai de ti! que tripudias sobre a plebe! — um dia chegará em que verás voar em pantanas, estrondosamente, a fortaleza dos teus milhões, como um Himalaia que desmoronasse ao esforço dos titans da liberdade!

Fernando Rosalba

PORQUE ?

O Sr. Antonio Leão Velloso escreveu para o *Correio da Manhã* de segunda-feira ultima um artigo tão claro e tão sensato, salvo pequena restricção... que até faz a gente desconfiar. Sincero ou não, o caso é que o Sr. Antonio Leão Velloso tem, mais que qualquer outro dos nossos jornalistas burguezes, uma visão justa e exacta da actual agitação revolucionaria no mundo.

E o seu artigo de segunda-feira ataca a fundo, com argumentos geraes irrebativeis, esse monstruoso projecto Adolpho Gordo. Todavia, sempre deixou escapar este... lugar comum: «expulsar os aventureiros adventicios que aqui vêm exercer a profissão de anarquismo, é uma medida de defeza social, que se comprehende e deve até louvar...»

O Sr. Antonio Leão Velloso confirma o que temos dito da propaganda oficial e oficiosa, pela imprensa, pelo telegrafo e outros meios, feita em todo o mundo contra o revolucionarismo contemporaneo: calunia, calunia e calunia... Isto diz ele com relação ao que se passa lá fóra; porque, em relação ao que aqui se passa, ele endossa a calunia... Com efeito, onde viu o Sr. Antonio Leão Velloso os «aventureiros adventicios» e os «profissionaes do anarquismo», cuja expulsão aplaude? Nos jornaes oficiaes e oficiosos, nas notas policiaes e noutros lugares semelhantes. Fontes suspeitissimas, tão suspeitas quantas, de origem burgueza, andam pelo mundo a caluniar o bolchevismo e o resto...

Ouça o Sr. Antonio Leão Velloso. Todos os anarquistas que o governo Epitacio tem deportado, todos eles são operarios, trabalhadores como os que mais o sejam, e além disso homens em geral de inteligencia e de coração, dedicados, até ao sacrificio, á causa da emancipação proletaria. Vivem todos do seu trabalho, explorados pelo burguez, e não são portanto «profisionaes do anarquismo». Quasi todos se fizeram anarquistas no Brazil, e alguns deles residiam no Brazil ha mais de 20 anos, e não são portanto «aventureiros adventicios.»

Porque, em relação a nós, não adota o Sr. Antonio Leão Velloso o mesmo criterio probo e imparcial como quando se refere aos revolucionarios e á ação revolucionaria na Europa?

Comparações e conclusões

Dias passados, precisamente a 24 de outubro, publicou o *Paiz* um curioso comunicado epistolar do Sr. Percy M. Sarl, correspondente da U. P. em Londres, a respeito das perseguições feitas, em Portugal, aos militantes revolucionarios. O Sr. Percy M. Sarl resume as acusações levantadas pelo *Daily Herald*, orgam londrino socialista, o qual afirma que taes perseguições são levadas a efeito devido á pressão exercida sobre o governo portuguez pelos governos aliados. «A censura rigida e a ameaça de perseguição policial impostas aos jornaes lisbonenses *A Batalha* e o *Avante!* (matutino, aquele, e vespertino, este, e ambos revolucionarios) são devidas ás representações feitas pelos governos aliados». Estes ainda sugeriram ("sugeriram": gracioso eufemismo!) ao governo portuguez a necessidade, a bem da boa e santa ordem (capitalista já se vê), de serem deportados, para as colonias africanas todos os agitadores do proletariado...

Este telegrama é bem claro e deixa patente que o governo republicano de Portugal é um simples tutelado dos governos de Inglaterra e França. Não admira: não foi para outra coisa, sinão para garantir a independencia e a autonomia das pequenas nações, que a Inglatarra entrou na guerra!

Ora, não é muito dificil encontrar, para as actuaes perseguições do governo brazileiro aos elementos libertarios, motivos semelhantes áqueles que determinaram as perseguições em Portugal. Leiam este topico aparecido no ultimo n. da *Revista Nacional*, e que eu me permito transcrever na integra:

«Antes de anunciar-se que o presidente da Republica conta com o auxilio de grandes financeiros norte-americanos para a solução do problema das secas, a noticia era dada em confidencia num circulo politico, diante de um senador da Republica.

O informante era pessoa de intimidade oficial; e a sua confidencia, que já não é segredo, se podia resumir nestas palavras:

—«...Foi no grande banquete oferecido ao presidente, em New-York. Em torno da mesa se achavam os homens mais representativos do mundo financeiro norte-americano. Era, de facto, uma homenagem do Dolar aos tezouros inexplorados do Brazil. A atitude franca e simpatica do Sr. Epitacio Pessoa e os seus projectos quanto ao estreitamento das relações do nosso paiz com os Estados Unidos haviam impressionado os *self-mademan* da grande Federação do norte; e todos anteviam as vantagens a tirar da oportunidade que lhes oferecia o novo governo brazileiro. Afinal, á sobremesa, ergueu-se o Sr. X..., uma das figuras dominantes no mundo dos negocios norte-americano; e o brinde ao presidente eleito do Brazil foi este, na sua essencia: «Nós, financeiros norte-americanos, temos seis ou oito vezes mais ouro em caixa do que todo o valor da divida publica brazileira. esse ouro está á vossa disposição, Sr. Epitacio Pessoa. Com esse ouro podeis, si o quizerdes, resgatar ou consolidar a divida do vosso paiz, ou emprehender logo todos os melhoramentos necessarios ao progresso do Brazil. Com esse ouro podeis resolver definitivamente o problema das secas que assolam alguns dos vossos Estados. Pedimos apenas isto: abri a boca e dizei-nos de quanto precisa o Brazil e quaes os juros que ele quer pagar. Quanto á nossa resposta, já vos está dada: aceitaremos! E foi assim que o Sr. X..., o poderoso arqui-milionario norte-americano, poz o ouro dos Estados Unidos á disposição do Brazil».

Como era natural, esta noticia foi ouvida com o maior espanto; e depois de ouvil-a, quando já transparecia em todas as faces uma expressão jubilosa, que era talvez um pouco de vaidade nacional, o senador da Republica — o mais velho e o mais grave dos ouvintes —levantou-se como homem que tem a dizer uma coisa importante. E disse:

—Meus senhores, estamos vendidos!

E sahiu».

Ora, os benemeritos e opulentos financeiros americanos não vão trazer os seus vultuosos capitaes para o Brazil e arriscal-os em compra perigosa, nestes perigosos tempos de perigosos bolchevismos. E dahi, naturalmente, o compromisso, da parte do vendedor do Brazil, de preliminarmente («de resto — podia acrecentar—como é tambem do desejo dos nossos amigos inglezes e francezes...») limpar o Brazil da praga incomoda.

Estamos, pois, vendidos... e mal pagos!

Geca Vermelho

Nunca houve, e jamais haverá mais que duas classes de cidadãos realmente distinctas; os proprietarios e os não proprietarios, dos quaes os primeiros têm tudo, e os outros não têm nada. — LAMBERT.

Rebeldia

Vê-se que a sociedade actual é constituida de maneira que necessario se torna não reformal-a, mas sim destruil-a, para sobre seus escombros construir a Vida, que deve corresponder aos ideaes humanos. Existem os subterraneos onde se desenrolam as scenas do *mal* e do *bem*, ou melhor, sempre as da maldade, que são os reflexos fieis do sentimento burguez.

E porque na terra ainda existe essa casta sombria e negra, quando no seu seio fulge intensamente uma nova luz capaz de conduzir o homem a um viver melhor?

Póde o homem ser feliz e ser livre, emquanto que na sociedade que hoje predomina vegéta em negra e profunda miseria, tal como—nas cavernas—que em seu ambito escondem as féras e guardam os ultimos gemidos dos dilacerados e os fragmentos das prezas.

E' necessario que esta sociedade de corrupções, de abjectos cancros, de torpes comercios, desapareça para sempre, com todas as *recompensas celestiaes*, e mais a idéa de um deus incognito que ha muitos seculos vem dominando na mente dos ignorantes,— idéa creada pelos antepassados que ainda o eram mais—, e fazendo imperar uma moral pôdre que pesteia a humanidade. E com ela tambem desapareça o falso amôr dessas *Marias arrependidas*, cortezãs deliciosas das ruas das modernas Judéas. Torna-se preciso que essa minoria esfomeada, fazendo explendorosa a sua força, a sua justa causa, lucte com heroismo de quem vae vencer ou morrer.

Só a colera fará vencer, porque será o clarão que mais ha de iluminar o caminho melhor entre tantos atalhos de um momento decisivo.

Revoltas contra esta sociedade de rafeiros, vê-se a cada instante; e dia a dia mais dolorosas e mais aflictas tornam-se as investidas desses seres famintos, espoliados dos menores direitos de existencia, sem lei nem patria, sem abrigo, sem pão e sem amôr.

O grito de guerra de irmãos do trabalho contra os exploradores da riqueza humana surgirá um dia: amanhã... quem sabe?—talvez muito mais breve que se suponha.

Do carcere ao mais modesto albergue ergue-se um sussurro que prenuncia uma vida nova... E' a colera aumentando lentamente, nascida de ha muito, que vive e cresce da plebe para os tronos.

Nesse dia, então, os ladrões do sangue, da vida, verão que nos peitos de ferro que guardam grandes corações de verdade existia a noção perfeita do direito, mas do direito legitimo de viver livre sobre a Terra fecunda e prenhe de maravilhas e de gozos.

Quanto mais dolorosa é hoje a vida dos escravos da sociedade, mais risonhos serão os dias que se seguirem ao grande clarão da Nova Aurora...

Preguem, luctem contra tudo que oprime, contra todos os poderosos pela força, contra esse brutal direito de ser senhor de seus semelhantes. E então, de vencidos esfarrapados que são hoje,—filhos da plebe, plebe miseravel,—passarão a ter o seu logar de vencedores da vida, de animal-rei, passarão á gloria de viver livres de opressão, de fome, do frio e do privilegio de amar. E sobre a Terra, livre e risonha, não mais sereis espectros da miseria, mas creaturas integradas na natureza e no direito nascido com o homem: o direito de não ter leis.

Oscar Jorge.

VOTEM A LEI !

> Vale mil vezes mais sofrer que não sentir.
>
> (Napoleão)

O anarquismo é, no actual momento, o maior pesadelo da burguezia. Os seus mais vultuosos representantes provam diariamente o seu grande pavor. E o ideal libertario marcha vertiginosamente, á proporção que a burguezia do Brazil se aterroriza. Não podendo mais, com a sua palavra refalsada, retinindo a libras, conter os seus milhões de escravos, apelam então para a violencia. Os senhores desta senzala republicana, depois de erguerem os punhos no ar e clamarem sistematicamente contra o bolchevismo, desistiram deste meio e passaram para o terreno da perversidade. A burguezia, por todos os seus orgãos de divulgação e repressão, nunca se cançara de combater a ação revolucionaria, e entretanto a idéa se alastrou de tal modo que hoje ela, burguezia, se vê em situação mui critica.

Ultimamente, com o desenvolvimento da propaganda emancipadora, as autoridades brazileiras, coadjuvadas pelo clero e pelo capitalismo, e de coluio com as colegas da Argentina e Uruguay, moviam contra tal propaganda uma tenacissima campanha, chegando ao extremo da expulsão, que já é do dominio publico. E todas as armas, como sempre, têm falhado. Tem-se a prova disso com o recente projeto de lei do burguezissimo senador Adolpho Gordo, considerando como crime a propaganda da ação directa contra a propriedade privada e para a qual institue a pena de varios anos de prisão. E' isto tonteira de um senador medroso. E' isto o desespero de um burguez lançado a um oceano e sentindo a agua crescer-lhe á garganta.

A prepotente burguezia malgrado as suas calunias, não poude vencer no campo teorico a logica da doutrina anarquista!

Socorrem-se, então, da força bruta, que por emquanto está do seu lado, para tentar golpear uma idéa sã, ferindo ao mesmo tempo os "direitos do cidadão," conquistados a preço de muito sangue.

Porque, preciso é notar-se, o projeto de lei do senador Gordo não só mancha a essencia da Constituição Brazileira como tambem denigra a verdadeira liberdade de pensamento.

Vergonha das vergonhas!

A Republica do Brazil, que se ostenta como a mais livre das democracias do mundo, retrograda!

Que nos dizem a isto os senhores republicanos historicos e puritanos de Republica?!...

Eis para que servem os "representantes do povo"... para restringir a liberdade desse mesmo povo, que os elege.

A gente burgueza do Brazil já não quer discutir com os discipulos de Bakunine, pois sente a sua derrota no circulo das idéas; passa então para a ação violenta, furiosa, brutal.

Antes assim. A luta tornar-se-á mais decisiva, mais rapida e mais pratica. Veremos em breve surgir no Brazil o nihilismo tragico da Russia dos Romanoffs. Terminar-se-á com a luta platonica para começar-se a luta verdadeiramente revolucionaria.

Que venha a lei!...

Dionysio Garcia

Aquele que executa, sendo depositario da força, deve necessariamente abusar dessa força. — FOUBERT.

Numeros atrazados

Para facilitar a divulgação de Spártacus *e ao mesmo tempo contribuir para a propaganda, resolvemos estabelecer um preço baixo para pacotes de numeros atrazados, que nos restam dos encalhes da venda avulsa. Esses pacotes—que venderemos sobre a base de 100 folhas por 2$000 — servirão principalmente para distribuição em excursões, passeios, reuniões publicas, etc. Que venham pois os pedidos!*

O resultado das perseguições

Sentindo, como sentem todos o[s] verdadeiros anarquistas, o principi[o] basilar da Anarquia, que é a Jus[ti]ça—ha tantos seculos almejada [e] sempre negada a nós trabalhado[res]—as expulsões de operarios e[m] S. Paulo, ha anos, despertaram-m[e] a curiosidade: qual a razão por qu[e] esses homens tão abnegados e ho[-]nestos, quão desinteressados, pas[-]savam esses dissabores, em toda[s] as nações civilizadas?

Nessa epoca muito pouco m[e] interessava por questões sociaes, [e] ainda menos por questões politicas. Por minha felicidade nunca f[ui] eleitor.

Dahi por diante comecei a pro[-]curar livros de critica historica [e] religiosa. E, primeira etapa da mi[-]nha evolução mental, foi-se-me d[a] crença a existencia dos deuses [e] veiu-me o odio a todas as castas passadas e presentes de parasitas da Terra...

Mais tarde repetiram-se as expulsões de operarios anarquistas. Quiz saber quem eram os anarquistas. Comprei, numa livraria, a *Dô[r] universal* de S. Faure.

Foi um raio de luz no meu cere[-]bro, a leitura dessa obra e de outras, como a *Conquista do Pão*, de Kropotkine.

Com a observação quotidiana das coisas, logicamente verifiquei a razão das perseguições aos anarquistas.

Eu já estava quasi anarquista tambem. Ampliando as minhas leituras com estudos de historia natural e astronomia, tornei-me então inteiramente anarquista e completamente emancipado: e não mais aceitei sem protesto os deuses no ceu e os patrões na terra.

E é preciso notar que eu não frequentava as organizações obreiras e não mantinha relações com camaradas *estrangeiros*.

Sempre reflectindo sobre as causas das injustiças desta sociedade, tanto mais tiranica quanto mais eivada de preconceitos, deduzi que era necessario organizar-nos para combater todas as miserias de que padecemos.

Desde a mais tenra idade venho trabalhando para patrões estrangairos, pelos quaes tenho sido explorado e expoliado, á sombra das leis do meu paiz. O polvo canadense, essa Light maldita, sugou-me o melhor das minhas energias, e ainda suga as de milhares de trabalhadores nacionaes e estrangeiros.

Ahi não se faz sentir a ação do governo. A razão é muito simples: o capital não tem patria e tampouco não a têm os burguezes detentores do capital. E não a tem tambem o governo, formado de burguezes. E só os trabalhadores, eternos escravos, hão de tudo dever á patria, que lhes não concede nenhum direito?

E assim me fiz anarquista.

Solidario com os nossos queridos camaradas arbitrariamente deportados pela governança, confio em que, eles lá e nos aqui, continuaremos com o mesmo entusiasmo a trabalhar pelo Ideal.

Eustachio Marinho.

A ficção do sufragio universal, rotulando a compartição do povo na traça dos seus destinos, é uma pungente ironia ao seu estado de servidão, assegurada pelo circuito das leis, que só fazem restringir a esfera minima dos seus direitos irrisorios. — CARLOS D. FERNANDES.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

***

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1°, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Posta 1936, Rio de Janeiro.

***

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

***

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

***

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

A C. G. T., a guerra e a revolução

O recente Congresso de Lyon

Um importante discurso de Monatte

A Moção da Minoria

Saudação dos Soviets Russos

Em meiados de Setembro ultimo reuniu-se em Lyon o 14º Congresso da Confederação Geral do Trabalho de França. Estavam representados: 41 Federações nacionaes, 67 Uniões departamentaes e 1.807 Sindicatos.

Os seus debates, travados entre minoritarios e maioritarios, a respeito da atitude da C. G. T. durante a guerra, foram apaixonados e calorosos.

Reproduzimos o discurso de Monatte, minoritario, publicado pela *Vie Ouvrière*. E' um vehemente processo das fraquezas e dos erros da Comissão Confederal. Em seguida, a Moção da Minoria e a Saudação enviada ao Congresso pelos Soviets Russos.

O discurso de Monatte

"E' necessario tornar bem claro que a documentação prometida comprehenda as actas das sessões da Comissão Confederal. Saber-se-á então em que condições foi pronunciado o discurso de Jouhaux nas exequias de Jaurès, esse discurso que abriu o primeiro fosso entre nós, e saber-se-á tambem em que condições se efectuou a viagem a Bordeaux, no trem ministerial.

—E' falso, grita Gauthier, de Saint-Nazaire.

—E' verdade, replica Bourderon".

Este primeiro incidente excitou o Congresso. Os delegados estão de pé. Travam-se dialogos. Sente-se que a critica vai ferir pontos essenciaes, pontos sensiveis e que será uma critica sem consideração.

Quando a calma se restabelece, Monatte continúa o discurso. Ele relembra a sua carta de demissão da Comissão Confederal e enumera os factos que a motivaram: Jouhaux comissario da nação; excursão de conferencias por conta do governo.

Lê depois a carta que recebeu então de Million, carta escrita em nome da Union du Rhône.

"Certo, nós comprehendemos e partilhamos inteiramente o teu desgosto diante do ultimo voto da Comissão Confederal; é dificil acreditar-se na realidade de tal engano e em semelhante fraqueza de concepção da parte de militantes que tantas vezes, em publico, com a maior vehemencia clamaram o seu odio ao militarismo e á guerra. Assistimos impotentes, neste momento, á sabotagem das idéas que nos eram mais caras, bem como do organismo obreiro no qual depositavamos toda a nossa esperança e pelo qual teriamos sacrificado a liberdade e a vida. Apezar de tudo, quero supôr que isso não passa de um desvario momentaneo e que a clareza do nosso pensamento internacionalista dissipará todas as confusões engendradas pelo néo-nacionalismo revolucionario".

Esta carta tem a sua importancia. Ela mostra que, nos primeiros mezes da guerra, não era geral a debandada. Era pois possivel resistir, atender a hora favoravel para agir e isso é o que Monatte reprova á Comissão Confederal de não ter feito. Fôra necessario adotar uma atitude semelhante á que tomou o Partido Socialista Italiano, por ocasião da intervenção italiana, e que Turati definiu por estas palavras:

"Uma vez proclamada a intervenção... e lançado o paiz, com todas as suas forças, numa aventura que pode pôr em perigo a sua independencia e a sua unidade, nós—proclamaram a *una voce* a Direção, o grupo parlamentar e a imprensa socialista—nós não sabotaremos a vossa guerra, não embaraçaremos, nem directa, nem indirectamente, por factos positivos, a defeza nacional; concorreremos mesmo, voluntariamente e sem fingimento, a suavizar todas as feridas e a reconfortar todos os sofrimentos resultantes do desastre; mas nada de co-responsabilidade, nenhuma cumplicidade com as classes dirigentes, com os partidos burguezes que desejaram e admiram esta situação. Separação clara, absoluta, inequivoca, sem transações quaesquer. Dois caminhos, duas almas, dois mundos, nós e eles, irreconciliaveis—hoje e mais ainda amanhã".

Adotou-se, na C. G. T., uma atitude completamente contraria e, no fim da guerra, pudemos ver o secretario confederal na Conferencia da Paz: eis a responsabilidade.

A guerra era a condenação do regimen capitalista, era o seu grande crime. O regimen capitalista não tem mais o direito de conduzir o mundo, depois de o ter arrastado á matança. Que amargura, pois, em taes circunstancias, verificar a presença de Jouhaux ao lado do governo, a co-responsabilidade endossada pelo nosso organismo central. E Monatte exclama, sob os aplausos do Congresso: "Os homens que assim procederam não são dignos mais de interpretar o pensamento do movimento operario francez".

Esta primeira parte do discurso, solidamente estribada, produziu profunda impressão.

Monatte vai abordar em seguida um assunto menos ardente, mas não menos grave: a reorganização administrativa da C. G. T.

Duas razões presidiram a esta reorganização. O Bureau confederal viu nela um meio de se desembaraçar dos que lhe poderiam incomodar. E, para as Federações, era a possibilidade de consagrar a sua hegemonia no organismo central.

Havia sempre um certo antagonismo entre as Federações e as Uniões departamentaes. Os representantes das Uniões sempre foram considerados como os parentes pobres da Comissão Confederal. Merrheim acusou-os, de resto injustamente, pois que eles sempre sofreram a hegemonia das Federações.

A reorganização foi apresentada coma uma etapa. Sim, mas uma etapa no caminho do açambarcamento de toda a gestão confederal pelas Federações. E hoje o movimento se encontra todo nas mãos dos funcionarios sindicaes.

Million evocou aqui a figura de Pelloutier. E' a ele com efeito que se deve sempre reportar, por que foi ele quem deu doutrina e metodos ao sindicalismo francez. Ora, o projecto Lapierre foi precisamente o golpe nas costas da Federação das bolsas.

Objectar-se-á que hoje as Uniões departamentaes têm—cada quatro mezes—uma representação directa que não tinham antes. Mas os delegados nada sabem mais do trabalho confederal, que é feito pela Comissão Administrativa. Com este sistema poude-se vêr um secretario de Federação servir-se de uma carta de Midol, fazendo-a dizer o contrario daquilo que ela dizia, sem que a ninguem fosse permitida a rectificação. Está por si mesmo julgado, um sistema capaz de coisas semelhantes.

Monatte mostra em seguida que, solidaria com os dirigentes burguezes durante a guerra, a maioria confederal continuou tal solidariedade após a guerra.

Lembra algumas manifestações dessa solidariedade durante a guerra: a presença de Jouhaux no banquete da Federação dos industriaes e comerciantes (e farias isso antes da guerra? pergunta ele a Jouhaux); o programa da conferencia de Leeds, decalcado sobre o programa da Associação internacional de proteção legal aos trabalhadores, traçado por Millerand.

"Fiquei estupefacto quando li esse programa no *Bataille Syndicaliste*.

— *A Bataille*, sem adjectivo, observa Bourderon.

— Concedendo a jornada de oito horas, teve o governo uma unica preocupação: evitar a explosão do descontentamento popular ameaçador.

Nós não devemos aceitar a jornada de oito horas segundo o espirito que lhe imprimiu o governo. Este ponto de vista de paz social foi exposto por Laurent á Comissão nacional de estudos sociaes e politicos."

E, dirigindo-se a Dumoulin, que declarou estava o Bureau confederal solidario, Monatte exclama: "Dizes então que és solidario com Laurent?"

E' um momento de grande emoção.

Monatte lê as declarações feitas por Laurent a essa Comissão nacional, em 7 de abril de 1919:

"Laurent afirmou preliminarmente que a C. G. T. nada havia feito que pudesse entravar o desenvolvimento da nossa industria, mas apenas infligir um sacrificio á classe patronal; e que, nos meios sindicalistas, se considerava o estabelecimento da jornada de oito horas como indispensavel para aguilhoar a actividade dos dirigentes do mundo industrial, os quaes, sem esse constrangimento, não se preocupariam convenientemente da modernização da maquinaria e dos utensilios, condição esta preliminar da renascença do paiz.

Uma vez em uso a jornada de oito horas, forçosamente a mão de obra será melhor utilizada e o material mais adaptado ás exigencias modernas da produção.

O Sr. Laurent afirma tambem que o problema se reveste de uma importancia social ainda maior que propriamente economica, e que, si ha ahi erro, este erro não é francez, mas internacional: e pois não haveria nisso nenhum detrimento para a França.

Termina o Sr. Laurent verificando que o nosso paiz é talvez o unico onde se não deram graves perturbações depois de assinado o armisticio, e considera que o estabelecimento da jornada de oito horas permitirá aos dirigentes da classe operaria apresenta-se perante os seus mandatarios com garantias da boa vontade dos meios governamentaes e patronaes. Poderá contar-se então que a evolução social proseguirá de modo pacifico."

Esta leitura provoca viva agitação no Congresso. Patêa-se, grita-se e os clamores redobram quando Laurent se levanta e tenta responder. Mas não insiste, diante de tal hostilidade.

Monatte retoma o dircurso, acentuando que a C. G. T. se associou á obra de paz social na hora em que o governo tem necessidade de paz. Declarações do ministro Clémentel confirmam essa colaboração.

"Mas nós não desejamos ajudar a burguezia a salvar-se. Ela está condenada e nós a condenamos.

— Isso será a desordem.

— A desordem está no regimen capitalista. O abismo ahi está; nós devemos saltal-o. Alguns, que sabem como nós que a burguezia não pode salvar-se, hesitam. E' o caso de Merrheim.

Nós outros seguiremos a onda e procuraremos manter-nos como verdadeiros militantes.

Renan, na *Vida de Jesus*, estudando a psicologia de Judas, escreve: "O administrador matára nele o apostolo." E' necessario que o administrador e o apostolo formem o mesmo corpo. E' frequente ver o administrador matar o apostolo."

O Congresso, que ouve o discurso com apaixonado interesse, aplaude longamente. E Monatte vai concluir:

"O nosso grande dever no momento é este: a salvação da Revolução declarada no mundo. Corre nas vossas mãos o apelo do Conselho Central dos Sindicatos Operarios da Russia. E' preciso que a resposta que devemos dar a esse apelo constitúa a conclusão pratica deste Congresso. Porque, como acaba de declarar Smillie, presidente da Federação dos Mineiros da Inglaterra, não ha, no mundo, na hora actual, maior questão operaria que a intervenção na Russia."

Monatte terminou. Longos aplausos reboam pela enorme sala. Depois, expontaneamente, levanta-se o canto da *Internacional*. Todos os delegados estão de pé; os maioritarios inclusive, embora a contra-gosto; sós, na tribuna, os secretarios confederaes permanecem sentados. Seja qual fôr a decisão do Congresso, nós ganhámos uma grande victoria moral.

A Moção da Minoria

O texto da moção dos minoritarios foi lido por Coron, e é o seguinte:

"O 14º Congresso confederal, tendo a examinar a atitude e a ação da Confederação Geral do Trabalho desde 2 de agosto de 1914,

Recorda que as guerras, e particularmente a guerra que acaba de envolver os povos de diversas nações, são resultantes das rivalidades capitalistas na conquista do mercado do mundo.

Verifica que, nesta guerra, a C. G. T., por suas diversas manifestações ao lado do governo, praticou uma politica de abdicação e de compromisso com os dirigentes burguezes.

Que, por essa atitude, a C. G. T. se deixou ligar á obra de guerra, participando assim das suas responsabilidades.

Que, por isso, não poude agir com a independencia e o vigor suficientes contra uma paz de injustiça e de violencia, a qual, sem amortecer os odios existentes, torna fatal e suscita desde já novas e proximas guerras.

Que a C. G. T. tampouco impoz aos governantes a anistia total e o restabelecimento das liberdades publicas.

Baseado em taes razões, o Congresso reprova atitude e a ação da Comissão Confederal durante a guerra.

O Congresso condena igualmente a politica de colaboração de classes inaugurada pela Comissão Confederal, e cujas manifestações actuaes não são sinão o prolongamento da mesma politica de colaboração praticada durante a guerra com o governo capitalista.

Considera que não são os tratos inevitaveis entre patrões e operarios que constituem actos de colaboração, mas sim a participação nos organismos permanentes de estudo em comum, «entre os representantes operarios e os da classe burgueza», dos problemas economicos cuja solução apenas prolongaria a existencia do regimen actual. Recordando vivamente os principios essenciaes do sindicalismo francez enunciados na carta de Amiens, o Congresso proclama de novo a inelutavel necessidade da luta de classes com a sua consequencia logica: a supressão do salariato.

Afirmação que se preciza assim:

«Na ação quotidiana de reivindicação, o sindicalismo tem em vista: a coordenação dos esforços operarios, o aumento de bem-estar dos trabalhadores pela realização de melhorias imediatas, taes como a diminuição das horas de trabalho, o aumento do salario, etc., etc.

Mas esta tarefa constitue apenas uma parte da obra do sindicalismo; ele prepara a emancipação integral dos trabalhadores, que só pode realizar-se pela expropriação capitalista; ele preconisa como meio de ação a gréve geral, e considera que o sindicato, hoje agrupação de resistencia, será no futuro a agrupação de produção e repartição, base da reorganização social».

A gréve geral revolucionaria pode ser o resultado de gréves parciaes que se estendem, se communicam umas com as outras, ou de outros acontecimentos que é necessario saber deliberadamente aprehender.

Com as idéas de libertação e a situação revolucionaria creada pela guerra, nenhuma hesitação, nenhuma tergiversação, nenhuma atitude passiva, nenhum oportunismo pode ser permitido.

Toda a energia revolucionaria de que dispõe o proletariado, todas as suas forças vivas devem ser transformados em actos.

O Congresso, verificando a vontade manifesta dos governos no sentido de esmagar as revoluções operarias onde quer que elas estalem, reprova a C. G. T. de ter faltado á palavra dada ao povo de Inglaterra e de Italia, recuando de um gesto que podia salvar a republica hungara, e declara que esta fraqueza é uma outra consequencia da politica praticada desde 1914 pela Comissão Confederal.

Indignado com o cinismo dos pretensos cavaleiros do direito e da justiça, que fazem do proletariado francez o gendarme internacional e o estrangulador da liberdade.

O Congresso, respondendo ao apelo do Conselho Central dos Sindicatos da Russia, declara:

Que é no desenvolvimento da revolução russa e no seu contagio a todos os paizes que residem as esperanças de todo o proletariado martirizado e extenuado por cinco anos de uma guerra de exterminação sem precedentes.

Ele grita ao povo russo:

Coragem, camaradas! os golpes com que atacam a vossa liberdade nos atingem como se fossem dirigidos contra nós mesmos.

Nós gritamos comvosco, camaradas: «A' acão, trabalhadores do mundo inteiro, contra todos os piratas imperialistas, pela revolução operaria mundial!»

Viva a Republica Internacional dos Soviets!

Saudação da Republica Russa dos Soviets ao Proletariado organizado de França

«O proletariado revolucionario da Russia sauda fraternalmente o Congresso Confederal, reunido em Lyon.

Os Soviets dos operarios russos seguem, com uma ardente simpatia e uma confiança inquebrantavel, o movimento proletariano no mundo inteiro e as lutas cada vez mais ardentes em que se empenha o proletariado glorioso de França contra a desmoralizada dictadura capitalista.

Na guerra ignobil e criminosa, imposta pela burguezia feroz á Russia revolucionaria, os operarios russos encontram um grande conforto moral na certeza de que os trabalhadores do mundo inteiro estão de coração com eles.

Nossas provações são das mais duras. Nossos sofrimentos são indiziveis. Mas a victoria da nossa causa é certa. E no entanto a Revolução russa é apenas o começo da transformação universal.

O proletariado inglez já exprimiu a sua inflexivel determinação de não mais tolerar o assassinio da Russia proletariana, e o Proletariado italiano já manifestara a sua inteira solidariedade com a terceira Internacional de Moscou. A vós outros agora, camaradas francezes, cabe dizer a vossa palavra historica para *completar e acabar* a obra da Revolução social, por nós iniciada nas mais penosas e desfavoraveis condições para a reorganização cientifica da produção e da repartição economica.

A revolução socialista, por sua propria natureza, não poderá limitar-se a uma só nação, nem mesmo a um só continente. Por essencia mesma da sua classe, o proletariado é um só sobre a Terra, e o seu pleno e definitivo triunfo tem que ser *universal*.

Basta recordar que a *Comuna de Paris* foi esmagada pelo militarismo franco-prussiano graças á passividade inconsciente e á tragica impotencia das massas trabalhadoras do mundo inteiro, que não acorreram em socorro dos camaradas para sempre imortaes.

Mas a obra da Comuna está hoje mais viva que nunca.

Os sacrificios dos vossos paes resultaram numa seiva magnifica. Por toda a parte se ergue o proletariado consciente do seu direito e da sua força. Por toda a parte reboa a tempestade contra a tirania capitalista. Os olhos se abrem, mesmo os olhos dos cégos, para ver a falencia miseravel da politica burgueza.

Quem não vê, com efeito, que a burguezia, após ter provocado a guerra, se acha incapaz de garantir a paz? Quem não comprehende que os dirigentes capitalistas são incapazes de reconstruir a vida economica desorganizada e arruinada pelo seu crime?

Não é numa colaboração com os proventuarios da guerra e os organizadores da vida cara, que o proletariado poderá aliviar as suas miserias e curar as suas feridas. A colaboração, para a burguezia, quer dizer dominação.

Pois bem, nós afirmamos exactamente o contrario. Só a tomada do poder pelo Proletariado poderá *dar fim ás guerras*, afastando as suas causas... Só a capitulação da burguezia poderá assegurar o nosso futuro, o futuro da humanidade inteira.

Só o Proletariado, tomando a si a direção das forças tecnicas do mundo inteiro, com a comunhão, para bem comum, dos trabalhadores manuaes e intelectuaes, poderá conjurar a catastrofe economica inevitavel.

A hora é chegada, não para as Ligas capitalistas e nacionalistas, que continuem a devastar a Terra, mas para a *Associação Universal* proclamada pelo Manifesto Comunista.

O capitalismo se esborôa.

O sol vermelho do Proletariado se levanta.

Viva a Aliança invencivel de todos os trabalhadores! Viva a Republica Comunista mundial! Viva a Internacional dos Soviets! Avante, pela revolução, para a victoria final!»

Administração

N. 12

ENTRADAS

Venda avulsa	136$800
Pimenta (pacotes)	20$000
Lista n. 49 (parte)	1$000
Juvenal	1$000
Evaristo	1$000
A. Cerdeira (pacotes)	3$800
Siciliano	1$000
Ferroviarios de S. Paulo	100$000
Assinaturas	2$000
X... (1)	25$000
Total	291$600

SAHIDAS

Selos	11$000
Carreto	12$000
Passagens	7$900
Redação	28$000
Administração	35$000
Composição e impressão	452$000
Deficit do n. anterior	61$300
Total	607$200

RESUMO

Entradas	291$600
Sahidas	607$200
Deficit	315$600

N. 13

ENTRADAS

Venda avulsa	149$500
Olivier Quintino	41$500
Lista n. 20(parte)	110$000
H. Araujo	3$000
Anonimo	1$000
A. Fernandes	5$000
Rosas (pacotes)	3$000
Minervino (pacotes)	3$000
Assinaturas	4$000
Bottino (pacotes)	9$000
Lista n. 41	30$000
Liga C. Feminina	350$000
Venda de folhetos	8$000
João Majeau	5$000
Napoli (pacotes)	1$000
Lista P. Santos (Porto Alegre)	12$000
Pedro Lyra (pacotes)	16$000
A. Vizzotto	5$000
A. C. de Paiva	8$000
J. M. de Moraes (pact.)	4$000
Marmoristas	11$500
Dr. L. J.	5$000
Ferrão	2$000
Colecta nos Sapateiros	17$000
Total	803$500

SAHIDAS

Selos	24$500
Passagens	3$900
Carreto	7$900
Goma	1$000
Estampilhas	3$800
Redação	28$000
Administração	35$000
Composição e impressão	452$000
Deficit do n. anterior	315$600
Total	871$700

RESUMO

Entradas	803$500
Sahidas	871$700
Deficit	68$200

(1) Perdemos a carta que acompanhava o vale de 25$000 desta parcela. Fica assim registrada com esse X...